



ENTREVISTA COM MICHAEL LÖWY

Felipe Oliveira de Paula*

* fopaula@yahoo.com.br

Mestre em Estudos Literários pela UFMG.

GYÖRGY LUKÁCS EM UM PEQUENO TEXTO SOBRE OS ESCRITOS ESTÉTICOS DE KARL MARX E ENGELS DIZ QUE O ESTUDO CUIDADOSO E APROFUNDADO SOBRE *O CAPITAL* E OUTRAS PESQUISAS DE MARX PODE CONSTATAR QUE ALGUMAS DAS SUAS INDICAÇÕES E CONSIDERAÇÕES NO “QUADRO DE TODO O SISTEMA, OFERECEM UMA PENETRAÇÃO DO PROBLEMA BEM MAIS APROFUNDADO DO QUE A DOS ESCRITOS DOS ANTICAPITALISTAS ROMÂNTICOS, QUE POR TODA A VIDA SE OCUPARAM DA ESTÉTICA”. A SEU VER, QUAL A IMPORTÂNCIA DE MARX PARA OS ESTUDOS DAS CIÊNCIAS HUMANAS E, MAIS ESPECIFICAMENTE, PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS?

A obra de Marx e Engels - em seu conjunto, não apenas *O Capital* - nos dá instrumentos essenciais para o estudo da literatura. Não é por acaso que existe toda uma tradição da

crítica literária marxista, desde Lukács até Lucien Goldman, que utiliza o arsenal marxista para entender as formas literárias e sua relação com as classes sociais e com o capitalismo.

Mas me parece equivocada a colocação do Lukács “tardio”, autor deste interessante texto sobre os escritos estéticos de Marx e Engels, buscando opor Marx aos “anticapitalistas românticos”. Uma das contribuições importantes de Marx e Engels ao estudo da literatura é precisamente de entender como muitos escritores se tornaram anticapitalistas a partir de uma visão romântica do mundo. Os dois pensadores revolucionários tinham uma grande admiração pelos autores “anticapitalistas românticos”, desde o filósofo político

Thomas Carlyle - que Engels considerava como *revolucionário*, apesar de sua exaltação pouco histórica da Idade Média - até escritores como Balzac, sobre o qual escreve Marx, “aprendi mais sobre a sociedade burguesa do que em muitos volumes de estatísticas e de economia.” Mesmo no campo da Economia Política, Marx e Engels tinham uma grande dívida em relação aos pensadores românticos passeistas como Sismondi, ao qual eles rendem uma homenagem (crítica) no *Manifesto Comunista*. Isso não quer dizer, evidentemente, que Marx ou Engels fossem “românticos”. Como explica Marx numa passagem dos *Grundrisse*, o desejo romântico de voltar ao passado é tão inaceitável quanto a obstinada adesão burguesa ao presente. Mas enquanto existir a burguesia, acrescenta, a crítica romântica terá sua legitimidade. A crítica romântica do capitalismo é uma das fontes de inspiração do pensamento de Marx e Engels, e alguns dos mais importantes pensadores marxistas do século 20, como William Morris, o jovem Lukács, Ernst Bloch, José Carlos Mariategui ou Walter Benjamin, podem ser considerados como “marxistas românticos”.

ROBERTO SCHWARZ EM UMA ENTREVISTA SOBRE ADORNO DIZ QUE “A INCORPORAÇÃO DA CIÊNCIA AO PROCESSO PRODUTIVO ESTÁ TORNANDO ANTIQUADA A NOÇÃO DE CLASSE OPERÁRIA DE QUE ATÉ HOJE A POLÍTICA MARXISTA DEPENDEU. QUEM REINVENTOU ESSE ESQUEMA NO ÂMBITO DA TEORIA ESTÉTICA FOI WALTER

BENJAMIN”. NESSA LINHA DE RACIOCÍNIO, SCHWARZ CONSIDERA ADORNO UM CONTINUADOR DE BENJAMIM. COMO O SENHOR PERCEBE ESSA AFIRMAÇÃO?

Acho que tem razão meu velho amigo Roberto ao colocar a necessidade de uma concepção muito mais ampla da classe operária, que não pode ser reduzida, como é o caso de certo marxismo vulgar, aos operários fabris de macacão azul. A proletarização do trabalho intelectual obriga a pensar numa classe trabalhadora extensa, composta de todos aqueles que têm que vender sua força de trabalho para viver. As pesquisas do economista marxista Ernest Mandel apontam para esta problemática de forma muito concreta.

TENDO EM VISTA SUA MILITÂNCIA E REFLEXÃO ACERCA DE MOVIMENTOS E UTOPIAS LIBERTÁRIAS, GOSTARIA QUE O SENHOR COMENTASSE SOBRE AS MANIFESTAÇÕES OCORRIDAS NO BRASIL NO MÊS DE JUNHO/2013. AINDA SOBRE ESTE PONTO, O SENHOR VÊ ALGUM PROCESSO ARTÍSTICO CAPAZ DE REPRESENTAR ESTETICAMENTE ESTE TIPO DE EVENTO?

Achei particularmente apaixonante o primeiro momento destas manifestações de jovens contra o aumento do preço das passagens dos transportes coletivos. Foi a indignação que os motivou. Ora, sem indignação, nada de importante acontece na história. Esta onda de indignação contra a injustiça, a iniquidade, e, logo em seguida, contra a brutal repressão policial, foi magnífica, belíssima. Teve um papel

importante, neste período inicial, um movimento de jovens libertários, o Passe Livre. Acho muito justa e muito importante esta reivindicação. Não podemos nos contentar com reduzir um pouco as passagens, mas sim lutar pela total gratuidade do transporte público. Como a educação e a saúde, o transporte público deve ser um serviço público gratuito. Obviamente, esta gratuidade aponta para outro modelo de sociedade, no qual a mercadoria, a compra e venda, o dinheiro, deixam de ser a única relação social. A oposição dos vários governos brasileiros a esta exigência não tem razões econômicas, mas ideológicas: para o neo-liberalismo, a gratuidade é um absurdo, tudo tem que ter um preço, tudo é mercadoria.

A exigência do Passe Livre é não só socialmente justa - o peso do custo do transporte cai em cheio sobre as camadas pobres da sociedade - como também ecologicamente indispensável. A circulação de automóveis está literalmente asfixiando as cidades brasileiras; o custo em termos de saúde pública é gigantesco. Sem falar das consequências em termos de emissões de gases responsáveis pela mudança climática. Ora, é amplamente conhecido que a introdução do *Passe Livre* permite uma redução significativa da circulação de automóveis.

O Passe Livre é um primeiro passo em direção à uma alternativa radical, a utopia ecossocialista.

A forma de arte mais adequada ao movimento de jovens brasileiros nas ruas em junho seria uma arte mural, tal como foi desenvolvida pela Revolução Mexicana, e, mais tarde, pela Revolução Sandinista, passando pela experiência da Unidade Popular no Chile. Os muros da cidade devem ser redimidos da publicidade e dos grafites sem graça, para se transformar em expressão de arte popular, e de uma arte dirigida às grandes massas do povo.